



# O Gaiato



**PORTE  
PAGO**

Quinzenário \* 24 de Janeiro de 1981 \* Ano XXXVII — N.º 962 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

# Calvário

Com doze anos apenas, emigra pela mão de alguém que a deseja utilizar nos serviços domésticos. A viagem, porém, tem desfecho trágico, anulando assim o sonho sonhado de quem desejava crescer além fronteiras. Um brutal acidente de viação atira com a Celina para o hospital, onde os clínicos confirmam uma grave fractura da coluna. Os meses de retenção hospitalar tornam-se longos. Num centro de re-

cuperação a jovem aprende a viver em carro de rodas, que outro modo não lhe é mais dado para se deslocar.

Entretanto, impõe-se o regresso. O Consul local, pressionado pelas autoridades do País, tenta a sua transferência para dentro das nossas fronteiras. Sabendo que o lar onde a menor viveu a infância não tem condições mínimas para a acolher, tenta instituição adequada. Insiste du-

rante um ano. Mas não obtém resposta afirmativa. Sobe, pois, às mais altas instâncias do pelouro da Assistência. E neste, como única solução, alguém se lembra do Calvário. É deveras espantoso que nós sejamos a resposta «oficial» para uma menor que teve a infelicidade de ver a sua vida truncada em tão tenra idade. Creio que este recurso oficial a uma Casa particular para a solução de um simples caso de mera assistência social é simplesmente a demissão dum regime. Algo vai mal na nossa terra!

Chegada que foi a menor parapléica, confirmo logo que ela tem possibilidades, e muitas, de valorizar-se, para de alguma forma compensar a deficiência que a vitimou. Percorro a capital do norte em busca de internato onde mais facilmente poderia estudar. Inútil peregrinação a minha. A cadeira de rodas é o obstáculo. Ninguém está preparado para a aceitar nestas circunstâncias. Já não falo das instalações com escadarias altas; mas da mentalidade, com vistas curtas.

Decido-me pela Escola Preparatória mais próxima da

nossa Casa. Aquele, encontro, felizmente, facilidades de matrícula. Respiro fundo. Mas por pouco tempo. Um revés havia ainda de surgir — o do transporte. Parece, parece que este é gratuito no Portugal de hoje, quando o ensino é obrigatório. Mas os motoristas é que não estão pelos ajustes e recusam-se a transportar tal «mercadoria». Estou ainda na fase das promessas de solução, mas já sem esperança alguma, depois dos passos que dei. Entretanto, a nossa carrinha vai e vem até

que as coisas se resolvam, o que não creio. Vai ser este o Ano declarado do Deficiente. Para declaração de princípio, sem consequências, por certo.

Estou no entanto contente por a Celina frequentar a Escola. A sua presença levanta problemas às crianças da sua idade. Fá-las reflectir. Leva-as por certo a descobrir a fragilidade do viver. Obriga-as a pensar e debruçar-se sobre os mais fracos. Com as crianças

Cont. na 4.ª página

# O NOSSO JORNAL

● Venho agora de lá. Uma turma dos «da lenha», sob a vigilância do chefe «Rolita» dobra e empacota afanosamente o jornal dos Assinantes. Uma tarefa difícil, uma tarefa a crescer, graças a Deus, pela chegada em bom ritmo de muitos Assinantes novos.

Tarefa difícil porque o tempo é exíguo. Os operadores têm Escola Primária de manhã; às quatro e meia da tarde têm estudo. É em duas horas e meia de cada tarde que o trabalho se vai fazendo. Mas os primeiros dias de tiragem são para contar e embalar os jornais da venda das quatro Casas do Gaiato, neste momento a passar de 22.000. Venda e Assinantes estão sensivelmente empatados, mas nós queremos que ganhem os Assinantes. Por isso andamos por lá todas as semanas.

Ora, com tudo isto, acontece que os Assinantes, embora o tenham certinho de 15 em 15 dias, recebem o jornal depois da venda avulso, o que eu muito queria remediar, mas não sei como, a menos que o façamos uma semana ainda mais cedo. Na verdade isso não teria grande importância dado que O GAIATO é um jornal actual e, por isso, não é de actualidades... Veremos o que pensa sobre o assunto a Ex.ma Redacção.

Agora vai surgir outro pro-

blema: A velha máquina de endereçar que Pai Américo ainda festejou, a qual conheceu nestes vinte e cinco anos tantas mãos, precisa de uma grandecíssima reforma. E não só! É que as placas que ela utilizava já se não usam e custam-nos cerca de três vezes mais do que as placas da moda. De modo que a reforma inclui adaptação ao novo formato de placas. Quero dizer: Entre o ficheiro de placas-endereço relativos ao jornal e aos livros são cerca de 30.000 delas que há que refazer — trabalho para meses, que nos exige no período transitório, trabalho simultâneo com os dois tipos de placas. Eu não sei se expliquei bem esta engrenagem toda, mas quem quiser vir e ver... tem a porta aberta! Só quero é avisar que nos próximos meses os sarilhos vão crescer; e desde já venho pedir a paciência dos nossos Assinantes a quem queremos sobremaneira e de quem contamos um querer da mesma espécie. Fernando, Mendão, «Rebuçados», Se Manel já andam a mentalizar-se para o que há-de ser. Manuel Pinto deita as contas à bolsa e prepara umas duas ou três centenas de contos. E é assim com esta reformazinha pelo barato, que se a gente ia à

Cont. na 4.ª página

## AQUI LISBOA!

«A primeira grandeza do Ministro não lhe vem da Pasta, mas sim do coração. Eles não são guindados à tamanhas alturas senão somente para ver melhor as necessidades dos seus súbditos e servi-los.» (Pai Américo)

Acompanhamos empenhados o desenrolar da vida pública. É um direito; é um dever. Acaba de ser empossado um novo Governo; há uma Assembleia da República com uma Maioria confortável e uma Oposição; poucos dias depois de escrevermos estas linhas prestará juramento o Presidente da República, para um mandato de cinco anos. O que se pede a estes Senhores? Que sirvam honesta e afincadamente os interesses da grei. Que se deixem de tricas e nicas, gastando o tempo e os dinheiros públicos, da maneira mais ade-

quada e reprodutiva, para bem da Comunidade em geral e, dum modo particular, em favor dos mais desfavorecidos e marginalizados. Que sejam isentos e corajosos nos propósitos e no agir, sem aceção de pesos ou sofismas, buscando e perseguindo a Justiça, sem violências mas com a firmeza de quem procura o Bem, mas não busca ser bonzinho ou simpático por mera demagogia ou interesses inconfessáveis. Aliás, citando Pai Américo, todos os responsáveis «devem aprender

Cont. na 4.ª página



Folhas-caldas, d'árvores caducas, na bela avenida da nossa Aldeia — periodicamente recolhidas pelos nossos Rapazes — são um quadro de vida, de trabalho, de promoção do «Lixo das ruas» em contacto com a Natureza.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● **Madalena** fecha os olhos para sempre. Até lá, foi um pequeno calvário. O calvário dos Pobres. Está no seio do Pai Celeste.

No hospital, porém, encontra mais uma samaritana: — Não sabia q'era ela! Realmente, no trabalho, quando m'aproximo dela, sorri, sorri... Ora quem ela é?!?...

Outra mão amiga em hora difícil! A família, porém, só agora surge em peso... **Madalena** jamais suporia deixar-nos uma leve cruz! Aliás não é inédita, à qual o vicentino está sujeito pela sua missão específica, em meios pequenos. O bicho homem! Não corremos atrás de penas que o vento leva. Entregamos mais essa flor ao Senhor, junto à campã — e na Mesa do Altar, **Madalena** teria sorrido outra vez. O natural sorriso dos santos.

Fim da celebração. Na penumbra austera do velho mosteiro — que se deve à munificência de Egas Moniz e seus ascendentes e descendentes — dobramos a porta da sacristia, braços-dados a Padre Abel, e somos embargados pelo filho dela compungido pela tempestade! Faz um acto de humildade! E agradece, espontaneamente, o bem sem conta usufruído pela mãe até ao fim — marginada por todos eles.

— Agradeçam ao Pai do Céu... Depois, confidenciamos a Padre Abel! — Não, à luz do mundo não é fácil a vida do recoveiro dos Pobres. Quando eles precisam, escorregados da família, suprimos. É nossa missão — na defesa dos Fracos e Oprimidos. Mas temos de sofrer as consequências... E não podemos desanimar! «E o sal» — diria Pai Américo.

● Está pronta a primeira fase das obras na moradia — Património dos Pobres — que serve de abrigo a um homem marginalizado pelos seus. Mais outro!

Ele foi um errante. Dormia nos palheiros. E veio parar aqui, exactamente por não ter onde reclinar a cabeça!

Quando topámos o caso, não queríamos acreditar. Mas a verdade é que tinha por cama uma corte de animais!

Não vamos dizer que mudou radicalmente o comportamento de vida nómada, marginal. Ainda bebe um copito bem bebido... e o seu aspecto físico causa certo mal estar às chamadas pessoas de bem — marcas difíceis de sarar. Já não vive, porém, como os animais. Tem uma casa, a sua casa — Património dos Pobres. É um homem promovido, inserido no meio. E a comunidade cristã é mais cristã, exactamente porque tem menos um Cristo crucificado.

A primeira fase da obra, diziamos, está pronta. Foi uma completa reparação do telhado, até a própria armação. Não é preciso falar do custo, que as obras são hoje pesadas. Nem a gente se preocupou demasiado, na medida em que, à luz da fé, a necessidade teria de susci-

tar ressonâncias — como suscitou, graças a Deus — na quadra natalícia.

Agora, que já não chove na moradia, vamos tratar do resto: soalho, lazeira, caiação, etc. E no meio destas andanças, o nosso homem será cada vez mais feliz.

Já que estamos em maré d'obras, o mestre daquelas acurdiu, também, aos sanitários de outro Pobre da mesma marca, cujo comportamento evoluiu um pouco mais, sem todavia atingir nível satisfatório para o comum dos mortais. São as mazelas. É a idade. Todo um repositório difícil de curar. Mas já não é o que era...!

**PARTILHA** — Segundo a tradição, muitos leitores vieram até nós — pelos Pobres — durante a quadra festiva. Entre os quais muitas caras conhecidas, amigos de longa data.

J. C. N., do Porto, 100\$00. O dobro de Vicentino galego. Assinante 4456, da Covilhã, 800\$00. O remanescente da assinatura de O GAIATO, pela mão de um octogenário. Porto:

«Uns dias antes do Natal pensei mandar uma consolação para alguém que precisasse. Infelizmente, imaginei, não conheço ninguém que precise de dinheiro! É verdade, não estou a brincar. A vida que construí e que me rodeia, é ferozmente materialista, onde não existe lugar para os Pobres. Os outros, os que pedem esmola, a esses eu tenho receio de lhes dar mais que a moeda envergonhada.

Hoje comprei O GAIATO. E foi então que decidi que a minha oferta deste ano não poderia ser melhor encaminhada do que pela Conferência de Paço de Sousa. Ficava contente que ela fosse ajudar alguém que precisasse urgentemente do dinheiro — como tantas vezes aconteceu a minha santa Mãe, que Deus tem.

É capaz de me dar uma palavra, depois? Não sei bem se será para calar o escrúpulo de sentir que nada me faltou na minha ceia de Natal, e faltou a tantos... mas o certo é que gostava de saber se ajudei alguém...»

O cartão deste velho amigo — que foi jornalista — é suficientemente expressivo de muitas famílias. No entanto, dá uma imagem de inquietação que é preciso avivar. Na resposta, fornecemos pistas concretas. O Senhor, nosso Deus, porém, fará o resto — o principal.

Assinante 28053, 250\$00: «Logo que possa, não esquecerei tanto conforto que me dais com o nosso jornal». O dobro «duma assinante de O GAIATO» e mais 100\$00 «duma amiga». Mais 200\$00 de algures. Assinante 13519, 500\$00. O dobro do assinante 31106, de Lisboa:

«A Obra da Rua tanto me deslumbrou que me tornou católico praticante activo, resumido nas três virtudes teológicas: Fé fervorosa em Deus, Esperança na ressurreição e Caridade fraterna, dos Mandamentos da Lei de Deus: «Amar a Deus sobre todas as coisas e ao Próximo como a nós mesmos.»

Uma assinante do Porto pergunta

se poderá entregar no Espelho da Moda «pequeno enxoval de criança do sexo feminino». Pois sim senhor, dirigido à Conferência. Obrigado.

«Uma portuense qualquer» segue com «a migalhinha relativa ao mês de Dezembro, acrescida de igual importância, pois nesta quadra as despesas são maiores».

Assinante 23056 de Elvas — minha terra natal! — uma nota pesada. A «partilha mensal» de «uma assinante de Paço de Arcos», presença de sempre, com um oumbo tão fraterno e espiritual!

Sequeiros (Braga), cheque em «cumprimento de uma promessa» para «minorar o sofrimento de um pobre doente». Outro, de Fiães, já habitual, com um voto: «Façam alguém feliz. Seja por alma de meu Pai».

Anónimo(a) de algures, mil num pequeno sobrescrito. D. Rosinha, 100\$00. Rua Pascoal de Melo, Lisboa, o mesmo: «Quisera dar mais, mas a minha situação económica continua a não permitir dar mais». A lição do Óbulo da Viúva é eterna! Alvide:

«Para que o novo Ano comece melhor para mim, quero começar com as contas em dia.

(...) Quatro mil (não sei porque escrevi por extenso) para os Pobres da Conferência. A verba dos Pobres é, como nos demais anos, o produto do trabalho em dias santos, porque trabalhando numa casa sempre aberta ao público, por força se tem que trabalhar nalguns deles e este destino é o que me parece mais proveitoso.»

É testemunho de vida cristã que bole com muitas consciências! Melhor ainda quando — no osso vertente — o exemplo vem da base para as cúpulas, como ora se diz. Esta partilha, não temos dúvida, fará revolução nas almas.

Cardigos, dois mil. Luso, metade. Torres Novas, cem, Maria Ana, de Lisboa, quinhentos. Idem, também do Luso.

Retribuimos, com amizade, votos de santo Ano Novo. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

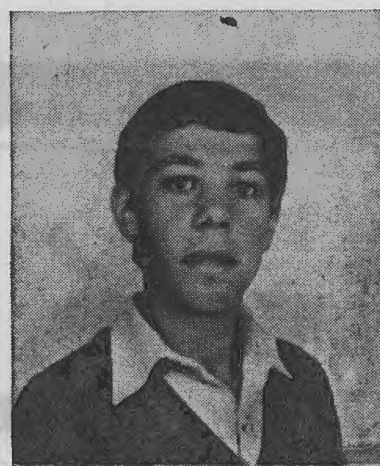
**ELEIÇÕES** — Realizaram-se, em nossa Casa, mais uma vez, as eleições para o chefe maior. No sábado, pelas 11.30 horas, dirigimo-nos para o nosso salão de festas, a fim de aí serem realizados, condignamente, os escrutínios.

Antes de iniciarmos os ditos invocamos o Espírito Santo, leu-se um texto de Pai Américo que fala da tarefa difícil que o chefe maior desempenha em nossa Obra. Em seguida, foi a grande votação, em que os eleitores são aqueles com mais de um ano de Casa e a 4.ª classe feita e 14 anos de idade.

Ao fim do primeiro escrutínio, os resultados foram os seguintes: Henrique, 22; «Salsichas» 4; Manuel Abílio, 37; «Faniqueira», 13 e 4 em branco.

Como não houve maioria absoluta,

procedeu-se a segunda votação, com este resultado: Henrique 19; «Salsichas» 0; Manuel Abílio 49; «Faniqueira» 8 e 4 brancos. Portanto,



Manuel Abílio, chefe-maioral.



Henrique, sub-chefe.

neste momento, o chefe maior é o Manuel Abílio e o sub-chefe o Henrique.

Tudo correu perfeitamente. Não houve precalços.

**BATATA** — Vai começar a ser semeada dentro em breve. Os campos, já com estrume, estão prontos a arrancar para mais uma grande colheita. Apenas falta lavar. Quem dera que a próxima colheita seja como as dos anos anteriores!

«Salsichas»

**DESPORTO** — Foi com a estadia do Alvaro na Direcção do Desportivo da Casa do Gaiato que se começaram a realizar encontros desportivos para atletas populares dos concelhos de Penafiel e Paredes, os quais procuram criar entre os participantes um clima de fraternidade.

Na organização do primeiro torneio ou «Festival Desportivo», Alvaro fez despertar um crescente interesse pelo desporto, até então adormecido. Agora, um ano depois da sua partida para África, realizou-se mais um em 26 de Dezembro, com a participação de cerca de 250 atletas, integrados em nove equipas. Teve a colaboração da Direcção-Geral dos Desportos (com elevada quantia), Governo Civil do Porto, Câmaras Municipais de Penafiel e Paredes e Jorge Lima & Alcino.

Resultados finais:

Damas — 1.º Grupo Juvenil de Cête.

Ténis de Mesa — 1.º Centro Cultural de Cête.

Atletismo — 400 m (7 a 8 anos):

1.º Desportivo da Casa do Gaiato; 1.200 m (9 a 12 anos): 1.º Centro Cultural de Lagares; 3.500 m (13 a 16 anos): 1.º Desportivo da Casa do Gaiato; 5.000 m: 1.º Molas Aba PU; Estafeta 4x400 m: 1.º Desportivo da Casa do Gaiato.

«Corrida de S. Silvestre» — 1.º Molas Aba PU.

Classificação por equipas: 1.º Molas Aba PU, 2.º Desportivo da Casa do Gaiato, 3.º Grupo Juvenil de Cête.

A entrega dos prémios foi no salão de festas da nossa Aldeia, abrihantada pelo nosso conjunto musical.

Resta-nos agradecer a presença de todos os participantes. Boa sorte e até ao próximo encontro.

«Réguas»

## Setúbal

**RETIRO** — Os nossos de idade média, fizeram três dias de preparação espiritual. Um sacerdote dedicado à juventude foi o conselheiro. Instruídos para uma melhor compreensão da vinda de Cristo a cada um.

A vida espiritual dos nossos rapazes deve ser cuidada, não pode passar esquecida. Por vezes a vida material do dia-a-dia rouba ao nosso Padre disponibilidade para satisfazer por inteiro esse cuidado. Vamos indo no esforço de fazer de cada rapaz um homem.

**VICTOR** — Tenho-me deliciado de o ver integrado no grupo dos que varrem as ruas — muito atarefado, longe dos outros, a apanhar os montinhos de lixo que os outros juntaram. Ele é uma criança muito difícil e cabe aos da sua classe, mais aos chefes que os conduzem, estas pequeninas e lentas conquistas. Cada um deles é obreiro na salvação dos outros. Que os mais velhos, os mais dotados de inteligência compreendam isto e vejam nos mais pequenos e menos dotados os seus irmãos mais novos, mais carecidos de ajuda.

**AS NOSSAS OBRAS** — Temperatura negativa. Sr. Padre Acílio conta que se pôs a pagar por cheque a este e aquele e, quando deu por ela já havia passado deles sem cobertura!

As nossas obras têm sido um sorvedouro das migalhas que nos têm dado, mais do fruto do nosso trabalho.

Na casa dois já se vai adivinhando o aconchego da casa um. O Ti Zé mai-lo Gabriel já fizeram divisões. Os carpinteiros já construíram aros para portas e janelas e agora andam a construir os telhados. O material não pode faltar.

O electricista também já andou a estender cabos e tubos. Há-de vir o canalizador e o estucador.

Estão no sótão dois depósitos para água quente à espera que uma empresa venha fazer a instalação.

**DESCULPA** — Eu estava na rou-



# Do que nós necessitamos

Isabel Maria e Filipe Manuel com 500\$ cada. Da Figueira da Foz, os 250\$ mensais. Dos Funcionários da Direcção-Geral da Marinha de Comércio, vales de correio de 850\$ e 920\$. Do Monte Estoril, «velha» assinante com 100\$ e 200\$. Por alma de Jerónimo Lagoa da Fonseca, 1.200\$. Cheque de 200\$ do Fundão. Os habituais 150\$ em selos de correio, da Amadora. Roupas e 1.000\$ de Viseu. Embalagem com malhas da Fábrica de Malhas Silveiras. 7.500\$ de anónimo de Ermesinde. Calçado de Inverno do Alentejo. 1.000\$ de Aljô. Por alma de M. Celeste, alguns pares de peúgas e 360\$. Mais 2 volumes com roupas de «velha» assinante de Lisboa. Cheque de 2.000\$, migalhas deitadas no cofre-mealheiro instalado no balcão da Tabacaria Lusa.

12 contos do Pessoal e Administração da CINCA e muitos doces, livros, brinquedos, bolas e ainda muito amor. De Leiria, cheques de 2.000\$ e 1.500\$. Por alma de João

Xavier, 100\$. Duma colecta dos funcionários da Caixa de Previdência do Ministério da Educação, 600\$. Vários artigos dos Armazéns do Norte. M. C. com 500\$, para a compra de calçado. De Cantanhede, 5.000\$ de quem se privou da compra dum casaco. 500\$ de Maria Augusta. Amigo com 300\$, em acção de graças pela filha ter passado no Propedêutico. 200\$ por alma da mãe de Alcino e 300\$ por alma dos pais de Jaime Amorim. Pelas mãos do P.e Armindo, de Cinfães, 1.600\$. De M. A. 500\$. Da Calçada da Estrela, 250\$. Várias presenças de Luisa Maria. E de dois pequenos amiguinhos, Dujo e Ricardo Helder, 100\$ e um abraço.

Duma quete feita em reunião de amigos, 1.100\$ do Porto. Da mãe do nosso Sabino, 2.000\$. Por alma de Júlia Marques da Fonseca, 200\$. Vale de 1.000\$ de Alcobaça, em cumprimento duma promessa. Maria Angelina com 200\$, pedindo orações. Dos nossos amigos da Maconde, caixas com vários vestuário, novinho em folha. 80\$ de 80 trabalhadores dos CTCI, do Porto. 200\$ do ass. 20340, em sufrágio das almas de Sá Carneiro e seus acompanhantes. 10.000\$ de Águeda, de amigo que apareceu muitas vezes. Mais um cheque de 10 dólares de Fall River. 100\$ de S. Vicente — Cabo Verde. Da Rua

Moreira Assunção e duma Maria Teresa, um pacote de camisolinas trabalhadas com muito amor, entregues no Lar do Porto.

2.000\$ dos 5 Crespinhos. 1.500\$ de Lisboa. E 1.000\$ da Av. Manuel da Maia. Assinante 27958 com roupas. Mais roupas e linhas de Vilar Formoso. 500\$ do Passeio S. Lázaro. 1.000\$ da Póvoa de Varzim. Mais 4.000\$ de S. Pedro do Sul. «Velho amigo desconhecido», do Porto, com 3.000\$. Da Rua Sá da Bandeira, 500\$. Duma promessa, 6.000\$. Por alma de António Leite, 500\$. Da Rua do Amial, 1.000\$. Dos alunos da 3.ª classe do Colégio de N.ª S.ª do Rosário, 2.040\$. Cheque de 5.000\$ de Maria Beatriz. Duas vezes 1.000\$ e roupas de Portalegre. E 5.000\$ de Monte Estoril. 10 contos de Lisboa. 2.000\$ de Águeda. E 15.000\$ da Rua Nau Vitória. E das Costureiras do Hospital Santo António, com muito carinho, 5.200\$.

Amigo de Ermesinde com 6.000\$, entregues em mãos, comemorando os seus 60 anos. 250\$ pelas mãos de D. Aurora. Ass. 7584 com 2.000\$. De Valbom 500\$. Comemorando umas «Bodas de Prata», 2.700\$ de algures. Duma festa de Natal em Miragaia, 950\$ e mercearia. Vale de 11.500\$ de Sarzedas, em acção de graças por uma graça obtida. 500\$ da

Guarda. 300\$ da Sociedade de Cristais. 500\$ de Santarém. E 200\$ de Cruz Quebrada. 500\$ da Farmácia Teixeira. De S. Pedro da Cova, duma promessa a Pai Américo, roupa, mercearia e 500\$. Mais 2.000\$ da Av. António Augusto Aguiar. 540\$ de Parede. De Guimarães, 5.000\$ do Ass. 28591. Das lembranças de um casal pobre, mas muito feliz, nas suas «bodas de ouro», 3.600\$.

Vale de 3.000\$ da Rua Duque de Palmela. 250\$ do Porto. Assinante 31399 com cheque de 4.500\$. Maria Teresa de Aveiro, com 500\$. De Lamego, 2.000\$. Mais 250\$ de Maria Helena. 500\$ de Lisboa. 1.000\$ do Porto. Igual quantia de Valadares. Cheque de 300\$ de Maria. Novamente Aveiro

com 3.000\$. Da Estrada de Benfica, 500\$. De Construções Elo, 2.000\$. Sufragando a alma de José Simões Calado, 1.000\$. De Alfena, 500\$. 500\$ do Porto. E 250\$ de Santiago do Cacém. Por alma de Manuel Conde, 1.100\$. Da Rua Oliveira Monteiro, 500\$. Dez contos de Lisboa. 3.000\$ da Guarda. Em memória de Izilda Marques, 5.000\$. De Matosinhos, 500\$. Mais 600\$ de Lisboa. E 500\$ de Valongo. E 1.000\$ por alma de um Alfredo.

São muitas as presenças que nos chegaram pela quadra natalícia, graças a Deus. Por tal, continuaremos a mencioná-las no próximo número. Bem hajam.

Manuel Pinto

## TRIBUNA DE COIMBRA

O primeiro domingo do ano começou, já há anos, a ser um dia extraordinário de encontro familiar em nossa Casa. Sentimos sempre que somos uma família, mas neste dia, com a presença de tantos de fora, tem o delicioso sabor da grande família que somos.

Este ano, ao grande grupo de Coimbra e arredores, veio juntar-se a Fraternidade da Ordem Terceira de Tomar. Vieram irmãos acolhidos no Lar e vieram irmãos que os acolhem. Sentimos o significado autêntico da palavra AMOR e

da palavra IRMÃO. Crianças, jovens, adultos e velhinhos a darem-se as mãos. Muletas e cadeiras de rodas e bengalas auxiliadas por vidas saudáveis.

O centro do grande encontro foi o nosso largo, ao meio da tarde, com a celebração da Eucaristia. Jesus Cristo é o único capaz de reunir os homens em família de amor. Tornamo-Lo ali mais presente: presente no altar e presente em cada um, sobretudo naquele que se sente mais carenciado. A «oração dos fiéis» e o «momento da paz» foram maravilhosa partilha interior de Vida.

As duas refeições (do meio dia e da tarde) foram comuns. Cada um fez oferta do que trouxera. O Senhor abençoou e mandou repartir. Todos ficaram saciados e as sobras deram para encher vários cestos. Bendito seja Deus!

Ao fim do dia cada um partiu. Cada um partiu mais feliz e consciente de que vale a pena amar e sentir-se irmão do outro. Nós ficámos e ficámos chelinhos de mimos.

Este ano em que a Igreja, no seu magistério, está a procurar consciencializar mais os homens do mundo inteiro para o grande valor da família, este

Cont. na 4.ª página

40 contos!!! Seriam os «desvios» para Samodães? Não acredito que a generosidade, mesmo dos Pobres, como o Lar de S. Domingos, traga prejuízos sem cobertura. Quem ficou em necessidade porque valeu a quem tinha maiores aflições? A viúva de Sarepta não mais faltou o azeite e a farinha, só porque apesar da sua penúria, cedeu o seu sustento e o do seu filho ao profeta Elias. Ambos contavam morrer de fome quando acabasse a pouca farinha que mal chegava para um pão. Esqueceram-se de si próprios para valer aos Outros e em troca receberam uma promessa de abundância que foi recompensa.

Padre Duarte

## Lar Operário em Lamego

# AQUI SAMODÃES!

Durante as festas natalícias lemos umas frases que nos levaram a reflectir. «Eu queria um Deus poderoso que mudasse radicalmente este mundo. E apareceu-me na fragilidade dum menino marginalizado, ao canto duma manjedoura...» «Eu queria um Deus útil para tudo resolver oportunamente, caprichosamente; e encontrei um Deus fraterno, atencioso e acolhedor incondicional...»

Olhar para Samodães; atender aos costumes que ali se vivem; observar o proceder dos que nos parecem com mais responsabilidade, provoca uma exigência de mudança a cem por cento e nas primeiras vinte e quatro horas. É preciso todavia, trabalhar, insistir, dialogar, dar e dar-mo-nos, ter calma, ter fé e saber esperar. É preciso convencemo-nos que nada se perde do que vamos fazendo; que há Alguém a contar as nossas palavras e os nossos passos que a seu tempo receberão incremento. Conseguirmos criar um ambiente fraterno, atencioso, acolhedor, é trilhar os caminhos do Mestre que vão dar a porto seguro.

As respostas ao pedido da máquina, que já temos, provocou sentimentos de valor in-

calculável. Para além das ofertas salientamos a riqueza de que nos encheram a alma e nos impele a caminhar. O jornal «Notícias de Lamego» escreveu um longo artigo sobre Samodães com o título: «Uma obra nascida por amor à criança do meio rural». Ali se mostrou o grande alvoroço no sentido da promoção das pessoas. Descreve com verdade a beleza do Parque da Família e a utilidade da barbearia. Faz votos para que seja continuada e «devidamente apolada».

A Maria do Rosário, dos lados de Alcobaça, que tem alunos, pede um programa para as férias, a fim de um grupo de rapazes e de raparigas da sua turma virem até Samodães trabalhar em favor dos que mais precisam. Serão as obras do «jardim»? Será o convívio das casas? Será o convívio alegre, estimulante e educativo com os habitantes dali?

A Angelina Maria, de Elvas, diz que manda uma «pequena ajuda» para uma «grande obra». Para já, o que existe em Samodães que mereça aquela designação?

Juliana e amigas de Meleças lembram formas engenhosas, com grande amor, de apro-

paria. Um deles entra e vai dizer à Senhora que partiu a faca.

— Como fizeste isso?

— Foi sem querer.

O Alfredo contou como foi. Tinha batido com força na máquina de descascar batatas e nunca pensou partir a dita. A desculpa para fugir ao castigo: «Foi sem querer».

NATAL — O nosso Natal começou uns dias antes com a construção do presépio. Eloi e Sousa Neves foram preparando uma festa de variedades. As nossas «Mães» não tiveram mãos a medir a preparar guloseimas, roupas e prendas. Nós desejamos que o Natal não seja simbólico. Queremos que cada um dos nossos o sinta como necessidade dum renascer constante para a vida de Deus. «É preciso renascer.» Um Natal adulto, visto na certeza de que quanto mais nos dermos aos Outros, mais renascemos com Deus.

Pois em nossa Casa, houve a preocupação de fazermos com que os nossos, principalmente os mais velhos e mais capacitados, sentissem este Natal de que a Fé nos dá a certeza de ser a única vivência em Paz. Por isso, depois da festa no salão, fomos para a Capela celebrar essa Paz. Muitos vizinhos e amigos estiveram connosco. Alguns dos nossos que já saíram, também.

«Pôr a mesa e chorar os nossos pecados, se eles não vierem.» Pai Américo assistiu e olhou para tudo. E foi ele que viu os pais a chorar os seus pecados por via de filhos que se escusam do banquete da Paz.

Estivemos em júbilo. São festas de arromba em que a Fé nos dá a certeza de que Deus Se fez encarnar para que sejamos adultos no renascimento com Ele.

A alegria continuou até às tantas. Depois foi o «Pai Natal» distribuir as prendas ao leito de cada um. Não sei a que horas ele deixou a festa. Como isto deve saber bem quando houver mais conforto em todas as dependências onde eles habitam!

Ernesto Pinto

# Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

à soletrar o verbo servir, antes de tomar posse dos seus lugares. Não vá suceder que à hora da morte, já tarde, reconheçam que trabalharam em vão, servindo-se dos lugares em vez de com eles e por eles servir.

Neste lugar de combate, para lá das desilusões que a vida nos tem proporcionado, queremos continuar a acreditar na capacidade dos homens e na riqueza das suas potencialidades, quando postas honesta e devotadamente ao serviço do bem comum, em ordem a uma sociedade mais fraterna, mais justa e mais livre, ou seja, mais humana e, portanto, mais feliz. Felicidades e mãos à obra, que já tarda e o tempo foge!

□ Um dos factores que mais condiciona a vida familiar sobretudo no que se refere aos novos lares, já constituídos ou em vias de constituição, é, sem dúvida, a falta de casas ou o excessivo custo das rendas. É um drama a merecer cuidado atento dos governantes, se é que consideramos a família como o núcleo basilar de toda a estrutura social. Não bastam palavras bonitas, é indispensável socorrermo-nos de medidas concretas e adequadas.

Sobretudo nas periferias dos grandes centros o problema da habitação atinge níveis dramáticos. Os preços dos terrenos têm subido vertiginosamente e, no que diz respeito às zonas circundantes de Lisboa, segundo o que lemos há dias, os aumentos têm alcançado cem a cento e cinquenta por cento em relação a cada fogo. A construção está cada vez mais cara, não só por via da inflação e do aumento dos custos dos materiais e da mão de obra. As previsões mais realistas são largamente ultrapassadas e quando hoje se pensa poder construir uma casinha por mil ou mil e quinhentos

contos, chega-se à conclusão de que não é possível levantá-la sem sobrecarga elevada, não disponível, passado um ou dois meses. Os construtores sérios nem sempre se encontram e as especulações são o pão nosso de cada dia. Além de mais, não há terrenos para loteamento e uma burocracia asfixiante tudo e a todos tolhe. Os créditos bonificados anunciados e as isenções concedidas estão longe de satisfazer as necessidades. Em suma, um lar para cada família é desiderato cada vez mais longínquo.

Entretanto, vão aparecendo os loteamentos clandestinos, criando sérias dificuldades para as estruturas-base e onde não está presente o mínimo planeamento e o dimensionamento das habitações carece dos mais elementares valores. Sem esgotos, sem água e sem uma urbanização correcta, amontoados de habitações surgem de um dia para o outro, dando lugar à promiscuidade e, quando muito, a recuperações difíceis e excessivamente dispendiosas. E não raro, surgem situações paradoxais, como a que sofremos aqui em Casa, para onde foram desviados os esgotos duma povoação clandestina, com prédios de dois e três pisos, a aumentar progressivamente, sem que as Autoridades, contactadas a todos os níveis, defendam os nossos direitos, obstando à degradação da propriedade e à poluição correspondente.

A Câmara de Loures, concelho onde nos situamos, bem como as de Vila Franca de Xira e da Amadora acabaram de declarar guerra aos loteamentos clandestinos, anunciando pelos mais variados meios as sanções penais em que incorrem os loteadores desse tipo, que podem chegar à perda do terreno em favor dos Municípios, e aconselhando as pessoas a inquirirem previamente nos serviços respectivos se os

loteamentos estão aprovados. Em Almada, entretanto, a respectiva Câmara tem vindo a demolir as mesmas residências mesmo quando os proprietários têm legalmente a posse das terras.

Vai ser difícil a luta acima referida. Em primeiro lugar, por ser negócio chorudo, o loteamento clandestino incita alguns a correr todos os riscos; em segundo lugar, porque a falta de terrenos leva aqueles que pretendem construir a sua casinha a aventurar-se; em terceiro lugar por haver sempre interesses político-partidários em jogo, susceptíveis de, em determinado momento, trazerem uma amnistia, mudança de critérios ou um possível fechar de olhos; finalmente, a falta de sincronismo entre os órgãos oficiais,

camarários, notariais e das finanças, geradores de confusão e de «esperanças». Neste último caso, como os órgãos notariais e das finanças permitem loteamentos de terrenos com índole agrícola, fácil é, como se compreende, levar os seus proprietários legítimos, a quererem construir nelas as suas habitações.

Que os homens públicos se compenem das suas responsabilidades e que as dificuldades dos problemas não os amedrontem ou intimidem.

□ O nosso Natal vai continuar.

Ele tem 365 dias do ano. Quem quer vir adorar o Menino nos Rapazes que aqui temos? O Mundo gasta-se em slogans e em exterioridades vazias de conteúdo e de significado. E anda por aí tanta gente frustrada, arrastando-se penosamente por nada fazer de válido. Será que viveremos só de palavras?

Padre Luiz

## O NOSSO JORNAL

Cont. da 1.ª página

renovação completa do equipamento nem meio milhar chegaval

● No meu andar por lá, na hora da homilia, não me dá jeito nenhum meter as informações práticas sobre as relações Leitor-Administração do jornal. Insisto que o preço essencial é que o jornal seja lido. E digo que cada um descubra o resto e faça como entender. Porém, depois, à porta do templo, enquanto eu e meus companheiros registamos nomes e endereços dos novos Assinantes, é que nos vemos: «Como é?» «Quanto se paga?» «Quando se paga?» «Aonde se paga?»

Ora bem, por cheque ou vale de correio dirigido à Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa (preferível que em nomes pessoais!) é o processo mais seguro. Preço — nunca pusemos nem queremos pô-lo às nossas publicações. Quem quiser ter uma ordem de grandeza faz como nós: Cada jornal, 5\$00; 26 jornais por ano... É exactamente como contabilizamos. Período — um ano. Cada qual marque a sua data e mande a remessa anual. Claro que há quem pague várias vezes por ano, todos os meses, quem tenha pago até «ao fim do mundo»... Ninguém se zanga por causa disto. Essencial, repito, é que o jornal seja lido. Tudo o mais é acidente!

Como tenho andado apenas à volta do Porto, pois temos aqui um lugar privilegiado para fazer contas e que recomendamos aos nossos Assinantes da Invicta e arredores: O Espelho da Moda, na Rua dos Clérigos, 54, onde o serviço é perfeito e não há comediola dos Correios.

E só mais um pedido: Que nos deem os seus endereços

com muita exactidão: Rua, número da porta, andar, código postal..., tudo. Noutros tempos, descobrir o destinatário de uma carta era ponto de honra para os carteiros. Até nós experimentámos esse zelo e esse brio, quando tivemos posto de correio em nossa Casa em S. Tiago do Infule — Lourenço Marques! Agora a deontologia profissional parece que mudou, pois, por dá cá aquela palha, aí volta o jornal devolvido com a nota de «endereço insuficiente». Por isso que «o seguro» morreu de velho, melhor é confiar cada um nos indicadores que integram um endereço do que na sua implantação no lugar onde mora!

● E já que o jornal e assuntos a ele relativos foram o nosso tema, não resisto a esta saborosíssima carta de um velho Assinante de Lisboa, que escreve muitas vezes e quase sempre luz que não é para deixar debaixo do alqueire:

«Meus caros Amigos:

A Imprensa estatizada já anuncia que, a partir de 1 de Janeiro, aumentará o preço dos seus jornais para 15\$00. Justifica tal aumento com o custo cada vez mais elevado do papel e o de todos os componentes na manufatura do jornal, por serem estes componentes derivados do petróleo.

## Tribuna de Coimbra

Cont. da 3.ª página

dia que vivemos deixou-nos o testemunho de que vale bem a pena o nosso esforço para que as famílias se amem, para que toda a Humanidade seja uma grande Família.

Padre Horácio

A ser assim, também O GAIATO está sendo agravado, e portanto, é imperioso que todos os seus leitores cerrem fileiras e corram em defesa deste esforçado Paladino na protecção das maiores vítimas do egoísmo social — as crianças abandonadas.

Que todos se aprestem com as armas que possuem e, à falta de quaisquer outras, pelo menos protejam com os seus «escudos» a vida do nosso indispensável «Famoso». Os «meus» aqui vão, pedindo desculpa por serem poucos, mas é que...

Eu sempre acreditei que os Governos de todo o Mundo e principalmente os Sheiks do Petróleo, só desejam ver os seus povos felizes.

O mal está em que todos eles aprenderam pela mesma cartilha — aquela que conta a história de um rei poderoso que tudo possuía mas vivia na maior tristeza e infelicidade.

Então, consultando os seus sábios, feiticeiros, ou analistas políticos (como agora se diz), todos foram unânimes em afirmar que a cura do mal só se conseguiria quando Sua Majestade vestisse a camisa dum homem feliz. Quando conseguiram encontrar tal homem, este, sim, era feliz... mas não tinha camisa.

Desde então, todos os Governos e principalmente os Sheiks do Petróleo se esforçam por nos tornar felizes daquela maneira, e estão prestes a consegui-lo, pois, no caminho que as coisas levam, dentro em pouco ficaremos todos felizes... sem camisa.

Votos de um Natal Feliz e um grande abraço com muita amizade do vosso velho amigo cada vez mais resingão.»

Padre Carlos

## Calvário

Cont. da 1.ª página

não há problemas. Quem dera que os adultos continuassem crianças a vida toda. Espero, pelo menos, que os mestres também despertem eles próprios para o viver de tantos, que querendo viver como os demais, são como os demais nem sempre compreendidos.

Ainda mal feito dos problemas criados pela Celina, situação idêntica surge em Terras de Basto.

Rapariga epilética, e de grande mal, fez uma queda numa das suas crises e fracturou também a coluna. O hospital recebe-a, mas para confirmar mais uma vez que só uma cadeira de rodas poderá dar alguma vida à juventude destruída. Começa então o jogo do empurra. O hospital

impõe a saída. O lar não a quer em tal situação. Allás este reduz-se a um pai viúvo e doente e permanentemente alcoolizado. Todos têm suas razões, mas estas aqui não conduzem a nada. O Pároco local vem aqui várias vezes para me convencer. É certo que ela não é um caso hospitalar. Passou à fase seguinte. Mas é um caso humano, carecido de ajuda. E a nossa porta abre-se para a receber.

Mais uma vez um simples acidente na vida de uma pessoa põe em cheque todo um esquema assistencial. E mais uma vez posso afirmar que o Ano do Deficiente vai ser uma burla para a maior parte daqueles. Quem dera que não fosse!

Padre Baptista



**Gaiato**

Director: Padre Carlos  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média das edições no mês de Janeiro: 43.450 exemplares